

CELULAR NA SALA DE AULA COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA NO COTIDIANO DAS ESCOLAS.

MONTEIRO, Castellano Fernandes Monteiro – IOC- FIOCRUZ.
castellanosol@superig.com.br

GT: 16 Educação e Comunicação

Financiamento: Não houve.

“Se não pode com o inimigo, junte-se a ele.”

(Provérbio popular)

INTRODUÇÃO

Hoje, provavelmente, muito do que acontece nas escolas provoca aventuras e indagações jamais pensadas outrora, principalmente, quando nos deparamos com os desafios que as novas mídias que invadem o cotidiano escolar estão propondo. Assim, se percebe a cada dia, sobre as mesas escolares, os mais variados “designers” de celulares. Os modelos mais novos e os mais antigos se misturam pelos sons de cada um que toca, treme ou apenas ilumina. Sem saber o que acontece diante de si, ele toca desejando que seu possuidor o atenda o mais rápido possível, ignorando quem está presente, para, então, saber o que se passa. Parece que o celular na sala de aula está a comunicar muito mais do que as ondas sonoras emitidas pelo aparelho e, ao mesmo tempo podem estar servindo de grandes possibilidades pedagógicas para discutirmos ética, conhecimento e a inclusão digital nas escolas.

Acrescente-se a isso que esses aparelhos podem comunicar também as redes de saberes que cada *espaçotempo* (Alves, 2001) evidencia em suas diferentes formas de interação com o mundo, as opiniões e idéias a respeito do ambiente ao qual estamos mergulhados, as novas linguagens praticadas, os currículos e as culturas praticadas cotidianamente.

Desse modo, cresce o número de alunos e alunas, que colocam em suas mochilas de material escolar a telefonia móvel. Por ser móvel, ela vem deslocando também práticas antigas, criando e tecendo novos usos através das aprendizagens não formais, às *quais somos submetidos desde que nascemos* (Oliveira, 2001:7), o que se convencionou

como meio de comunicação, desejo desde as primeiras manifestações “comunicacionais” entre seres humanos.

O presente texto pretende entender o que acontece no cotidiano da sala de aula que dialoga com as culturas que entram nas escolas, vão modificando ações e sendo modificadas pelas culturas e representações constitutivas de saberes que circulam, ainda, de forma hegemônica nas salas de aula ou nos espaços outros da instituição escolar. Saberes estes que vão (re)desenhando nossas práticas pedagógicas e, assim, provocando a ilusão de uma nova naturalidade, tomando conta de nossas relações mas ainda nos deixando perplexos com velhos “problemas” ou tecendo várias alternativas pedagógicas.

No decorrer do texto, detenho-me tanto na questão do estudo do cotidiano buscando um entendimento metodológico e reflexão daquilo que até então não prestávamos atenção (Ginzburg, 1989), como procuro desenvolver uma discussão sobre as culturas que estão presentes na escola e como vamos produzindo novas culturas a partir do convívio com as novas tecnologias e de seus usuários. Além disso, possibilidade de ligação entre ética-conhecimento-educação. Propondo questionamentos e, acima de tudo, um olhar atento para o crescente universo tecnológico que invade a escola pretende-se, primeiramente, refletir sobre os pressupostos do que consideramos conhecimento e a tensão existente entre regulação e emancipação quando discutimos tal noção. (Santos, 2000).

Num segundo momento, com o auxílio da epistemologia da complexidade (Morin, 2001), procura-se pensar nos desafios do século XXI relacionando as exigências de um comportamento ético mediante as novas tecnologias que estão presentes na escola.

Por último, trabalhando com algumas imagens como “*testemunho ocular*” (Burker, 2004) e algumas narrativas do cotidiano das salas de aula, discutirei sobre as possibilidades produzidas no cotidiano das escolas que também vão modificando as relações que mantemos com os outros e, portanto, nascem e existem como parte de nossa vida intersubjetiva nas práticas pedagógicas que optamos para de algum modo ter sentido falar de ética na escola.

Acrescente-se a isso a necessidade de investir numa educação ambiental afinada com o contexto e necessidades locais e globais para tentarmos compreender e discutir nossas dificuldades em relação ao ensino ao conhecimento e a ética nas escolas.

Procurando,então, superar a análise da dimensão meramente técnica do uso de algumas mídias para instigar os educadores a desenvolver uma escuta, um sentir e um “ver” que ultrapasse ao que consideramos “normal e rotineiro”, necessitamos prestar atenção ao que os novos aparatos da mídia divulgam e transformam nas identidades culturais dentro e fora da escola.

O OLHAR E AS SUBJETIVIDADES DOS SUJEITOS NAS ESCOLAS.



Imagem 01

Cartão postal de um cinema de terceira dimensão da década de 50.

Uma imagem 01, da qual gosto muito, é um cartão postal de um cinema de terceira dimensão, nos anos 50, que me foi doado por uma amiga. Olhando-a atentamente procuro entender o que esses óculos, todos iguais, podem estar representando. Esses óculos possivelmente podem estar representando os “Óculos” da Ciência Moderna que com todo o seu processo histórico aliado (...)ao *paradigma cartesiano nos ensinou a ver e pensar o mundo como um cosmo mecânico, um universo relógio, com peças fixas e um movimento possível,num tempo e espaço absoluto(...)* (Ferraço, 2001:91).

Esses óculos, ainda hoje, podem estar provocando uma lógica em nossa formação identitária e profissional, que nos fazem utilizar de lógicas de quantificação e unificam nosso ver. Nesse sentido, ao observar o cartão postal, pode-se representar o “ver o filme”, com os mesmos óculos, supondo que estamos vendo as mesmas imagens esquecendo que a subjetividade presente na reação de cada participante é única. Afinal, como von Foster nos alerta, e que é diferente da passagem bíblica de São Tomé, de que é preciso ver para crer, nós vemos o que cremos.

Desse modo, o “olhar” do paradigma da modernidade representada nessa imagem 01, pelos óculos que as pessoas estão usando, produziu ao longo da história da educação um conhecimento com

(...) a promessa da dominação que conduziu a uma exploração excessiva e despreocupada dos recursos naturais, à catástrofe ecológica, à ameaça nuclear, à destruição da camada de ozônio, e a emergência da biotecnologia, da engenharia genética e da conseqüente conversão do corpo humano em mercadoria última.(Santos,2002:56)

Dito de outra maneira, o pilar epistemológico da modernidade desenvolveu um conhecimento-regulação que é constituído por princípios coloniais que Boaventura de Sousa Santos chama de ignorância. Pois *o colonialismo é a concepção do outro como objeto e conseqüentemente o não reconhecimento do outro como sujeito.* (op cit:30) A esse respeito, podemos dizer como Certeau (2000) que *é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas (p. 19)* . Afinal, como também nos lembra Santos, tudo o que...

(...) Ignoramos é sempre a ignorância de uma certa forma de conhecimento e vice-versa. O que conhecemos é sempre o conhecimento em relação a uma certa forma de ignorância de uma certa forma de conhecimento.”(Op.cit.29)

Assim, mediante a complexidade do que trazemos enquanto conhecimento e vemos no mundo contemporâneo, faça-se a seguinte provocação:

Será que ainda tem algum sentido a Ética no cotidiano das escolas?

UMA DAS RESPOSTAS POSSÍVEIS

Para começar a responder a provocação que faço, nesse momento, recorro a Imagem 02. Ela pode representar as nossas dúvidas e a complexidade em relação ao tamanho do que chamamos “Crise ética”. Procuro trazer um personagem a qual uso constantemente em minhas aulas: Mafalda.



Imagem 02

QUINO. Mafalda.n 10. São Paulo: Martins Fontes.2002:13

Mafalda nos lembra que tendemos a considerar que as crises são únicas e normalizando-se o que nos ensinaram pensar ser causa e efeito de uma sociedade. Com isso, podemos estar sem perceber o contexto de cada tempo ou de cada situação em que nos deparamos com o que denominamos falta de ética. Mafalda nos lembra o mito de que não existiram crises em outras épocas.

Humberto Maturana (1998) nos lembra que “*Nós da cultura ocidental, fazemos muitas reflexões sobre ética*”(p.72). Esquecemos do nosso direito de equivocar-se e do direito de mudar de opinião. Afinal, “*vivemos rodeados de afirmações que se tornaram dogmas,*” como nos lembra José Machado Pais (2003: 39).

Assim, aquilo que foge ao nosso suposto controle ou premissas estabelecidas gera outro discurso racional e esquecemos da preocupação com as conseqüências que nossas ações têm sobre os outros.

Para entendermos os procedimentos mais ou menos ritualizados em nosso cotidiano, recorre-se a uma outra “tirinha” observando que ética está muito relacionada com a tarefa democrática no domínio da convivência cotidiana.



Imagem 03

<http://www.meninomalquinho.com.br/PaginaTirinha/>.

Vivemos uma cultura onde o abuso e a opressão como modos legítimos de vida nos fazem praticar “*a perversão do liberalismo e, mais geralmente, do que passa atualmente por ‘filosofia política’ é também de não ver na esfera pública senão a questão de suas relação com a esfera privada.*”(Castoriades,1999:777).

Dito de outra maneira, colocamos constantemente em nosso cotidiano o risco democrático de entender o que se é público e privado fazendo as leis que nos

beneficiam a nível individual. Acabamos criando um domínio de convivência no qual a pretensão de ter um acesso privilegiado e que nos favoreça vai reforçando os princípios coloniais. Acabamos, assim, deixando de lado a importância da legitimidade democrática a partir e com o outro. Nesta ordem de ideias. A tarefa democrática de criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a convivência sem tiranias ou mesmo uma hipocrisia de condutas ditas éticas é fundamental. Às vezes esquecemos que o falar tem a ver com o agir. Além disso, a democracia se vivencia, lembrando Maturana novamente, *a partir da emoção*. Emoção do desejo de conviver num projeto de vida comum. Afinal, Ética é a ciência normativa do comportamento humano, com vistas tanto ao bem individual como ao bem comum. Por ela é que se define como devem ser nossos caminhos, nosso trabalho, nossas escolhas.

Dessa maneira, tanto o nosso senso moral, como o juízo de fato e de valor vão estabelecendo normas de um dever ser que produzem experiências e se explica a enorme polissemia da linguagem em relação à ética a partir de ações comuns. A dificuldade de situar o ponto de vista do que se considera ético conchama a reconhecer a urgência de se refletir sobre a prática e do uso responsável do conhecimento da própria ação.

Novamente pego a imagem da Mafalda para lembrar que possivelmente ainda precisamos pensar nossas opções mediante a relação passado-presente no hoje que se estabelece no nosso agir mediante as inovações notáveis.

Imagem 04



QUINO. Mafalda. São Paulo: Martins Fontes.2002:13

Mafalda, mais uma vez, nos auxilia a pensar como estamos em nossa condição de sujeitos mediante questões consideradas éticas. Parece que continuamos a reforçar muito a herança histórica em torno de uma cultura colonialista e tentamos levar, para nossas ações atitudes que passam, a reconhecer o outro não como sujeito encarnado,

mas como objeto. Pois, “*O colonialismo é a concepção do outro como objeto e conseqüentemente o não reconhecimento do outro como sujeito*”. (Santos, 2000:30). Assim, não podemos desvincular essa discussão da forma como um dos meios de comunicação, o celular também “impõe” um modo cultural supostamente unificado pelas normas das novas tecnologias do mundo contemporâneo, desconhecendo muitas vezes, o que se passa no *espaçotempo* da vida. Afinal, “*Tudo que é tecnológico, quando divorciado da unidade única da vida e entregue à vontade da lei imanente de seu desenvolvimento, é assustador; pode de tempos em tempos irromper nessa unidade única como uma força terrível e irresponsavelmente destrutiva*”. (Bakhtin, 1993:25).

Por conseguinte, os conteúdos culturais que o mundo tecnológico vai nos proporcionando podem estar fornecendo mercadorias e novas formas de vida cotidiana. Essas formas de vida podem estar a manter mecanismos postulados pelo capitalismo que entendemos ser prejudiciais à democratização da comunicação. Na medida que Bakhtin nos alerta sobre a dicotomia que esses produtos podem manifestar através das formas divorciadas da unicidade da vida podemos indagar: o que pode estar ocorrendo em nossa formação identitária com o uso desses aparelhos? O que emerge que disponibiliza as possibilidades de um mundo mais solidário? Em outras palavras, qual o diálogo cultural que estamos travando no cotidiano das salas de aula e/ou nas escolas com o aparecimento e uso do aparelho celular?

ALGUMAS ALTERNATIVAS NAS NOSSAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE PROFESSORES E PROFESSORAS

Tomaremos nesse momento uma das tecnologias de comunicação que a cada ano está invadindo o cotidiano escolar: o aparelho celular.

Imagem 05



Imagem 05 Jornal O DIA 23/10/05

A imagem 05 retirada de uma matéria de um jornal, de grande circulação nas classes populares, traz a importância de se perceber que esses aparelhos também separam os que têm o celular e os que não têm, os que sabem usá-lo e os que não sabem, o que muda e o que se mantém da/na cultura escolar vivenciada no cotidiano das escolas. Além disso, como a cada dia ele também está presente nas classes populares, novas maneiras de ser e estar no mundo vão fazendo com que a apropriação e uso das novas tecnologias seja incorporada às nossas práticas pedagógicas.

Assim, no contexto desse trabalho, essa nova tecnologia aparece não mais apenas como um meio de comunicação entre as pessoas. Seus usos estão se tornando tão múltiplos que faz emergir uma mídia que fabrica novas culturas e faz (re)aparecer culturas que pareciam superadas. Seu uso no espaço escolar dialoga com as culturas e representações constitutivas de saberes que circulam, ainda, de forma hegemônica nas salas de aula, mas que também impõe novas regras, novas ações e novas alternativas metodológicas.

Desse modo, temos assistido nas redes tecidas na/da vida cotidiana, crianças, jovens e adultos se relacionando com um novo sistema de trocas de sons-mensagens que precisamos entender e podem ajudar na busca de possibilidades para ser desenvolvido valores éticos que determinam novas formas de vida.

Importante ressaltar que o conhecimento e o diálogo entre esses novos aparelhos e as culturas que se entrelaçam nas escolas não se dão de maneira tranqüila e passamos a assistir uma pluralidade de atitudes que modificam e gostos e identidades inclusão e exclusão ao mesmo tempo. Nesse sentido, Steinberg (2001, p.22) revela que “*o conhecimento da mídia vem a ser não um raro acréscimo a um currículo tradicional, mas uma prática básica necessária para negociar a identidade do indivíduo, valores, e estar numa hiper-realidade saturada pelo poder*”.

As possibilidades que os aparelhos celulares suscitam nas práticas pedagógicas ainda é um grande desafio para os atores sociais do cotidiano escolar. Com o uso do aparelho celular, algumas práticas da cultura escolar se matam viva ou mais forte e outras passam a surgir e se incorporam às nossas identidades. Parece fazer ocorrer, como é o caso de proibição do uso desse aparelho nas escolas, a delimitação do que pode e do que não pode estar na escola. Pode, ainda, trazer a natureza do cuidado redobrado por parte dos educadores, a fim de delimitar claramente o sentido da ética

que se pretende ensinar com o uso desse aparelho ou nas situações inusitadas que aparece no dia-dia das salas de aula.

De natureza efêmera, esses aparelhos assumem outro papel quando deixamos de vê-los como algo banal ou não pertencente ao que consideramos material escolar. Dando um novo olhar ao que habita o lugar comum, trabalhá-lo com fenômenos do cotidiano pode significar deixar de considerar esses aparelhos como objetos de consumo num sentido mercadológico. Ele também pode tornar-se referência para novos hábitos, atitudes e ações pedagógicas que, sutilmente, vai provocando ações que discutem as raízes de preconceitos, classificações ou como ídolo sedutor ao alcance de apenas alguns.

Assim, seja nas imagens que as propagandas nos fornecem que fazem com que pareça a invasão do celular seja uma realidade para todos e deixa com que a ética seja colocada de lado quando ouvimos a seguinte narrativa de uma mãe de aluno de escola particular: *“Na escola particular uma mãe alegou que deixou de pagar a mensalidade porque seu filho era o único da turma sem celular.”*

No entanto, isso não é tudo. Outra narrativa que nos coloca em desafio constante foi o que ouvimos em uma aula da escola pública a aluna disse: *“É fácil ter um celular. É só pegar através de crediário e não pagar”*.

A narrativa da aluna que ligada a possibilidade de conseguir um celular a qualquer preço, nos deixa o desafio de compreender que ainda se faz sentido falar de ética no cotidiano da escola. Discutir o que esses aparelhos estão provocando e de que forma eles pode nos ajudar a trazer um novo sentido a vida é a possibilidade de se fazer emergir *um conhecimento prudente para uma vida decente*. (Santos, 2000). Afinal, estando à telefonia celular com a predominância de uma ética de consumo, ele também continua ampliando as exclusões porque o acesso a ela depende de capital econômico. Assim esse aparelho celular no cotidiano das salas de aula também pode estar trazendo diariamente a discussão da inclusão e da exclusão cultural dos também já são excluídos.

Ligada desse modo à possibilidade de conseguir um celular em prestações pequenas (Ou, ainda, como narrou a aluna citada anteriormente, não pagando) também podemos estar reforçando quem pode e quem não pode ter diferentes recursos para se comunicar melhor. No entanto, *a telemática amplia as exclusões não exatamente*

porque o acesso a ela depende de capital econômico e cultural – aqui estão os já excluídos - mas porque criando o novo analfabeto: o infoanalfabeto. (Silva, 2000: 31). A sedução do mercado vai fazendo criar desejos nas crianças e nos jovens alunos e alunas *considerando a singularidade das conexões que cada um estabelece, em função de suas experiências e saberes anteriores e, também, a multiplicidade de conexões possíveis* (Ibdem, p.104). Afinal, *o ídolo sedutor é aquele que tem ao seu alcance tudo aquilo que o homem comum sonharia desfrutar* (Pais, 2003: 158).

Nesse sentido, como também nos diz Marcos Silva *o universo complexo da telemática produz novas exclusões, [mas também] disponibiliza a possibilidade de um mais comunicacional, promove a macro-ampliação dos serviços e do estoque informacional.* (Ibdem.: 159). Os celulares mais sofisticados com os incitamentos de jogos mais modernos, gravador, internet, aquele som mais novo, a música diferente parecem provocar desejos e valores intermináveis! Tudo se produz como uma maquinação de grande escala. Nestas circunstâncias o desenho da sala de aula vai se modificando e nos modificando sem, muitas vezes, percebermos as mudanças éticas das relações que se manifestam diariamente apesar dos currículos oficiais desconsiderarem os currículos praticados (Oliveira, 2003)

As práticas pedagógicas que desempenhamos a partir da telefonia celular são aprendidas fora e, agora também, dentro da escola, sendo, portanto, bases para o diálogo constante e imprevisível com as culturas que permanecem presentes nas escolas. Dito de outra maneira, a cultura escolar que caminha com toda a sua herança baseada na ciência moderna entra em constante diálogo com *a lógica que preside o desenvolvimento das ações cotidianas* (Ibdem.: 52), no caso desse texto, com a lógica que passamos a presidir com o uso da telefonia celular nas salas de aula. Neste caso, o que se pode dizer é que o celular vem dialogando com as culturas que, certamente, fazem-se presentes nas salas de aula e/ou no espaço escolar com uma disposição que pode possibilitar a emergir novas culturas e novas práticas pedagógicas.

Observando as relações travadas em uma das muitas escolas, nas quais podem estar acontecendo algum movimento na prática pedagógica dos professores, com os celulares, que nos provocam indagações, ainda sobre os *usos* e as maneiras de *fabricar* (Ibdem. 2000) novas possibilidades com as redes de conhecimentos tão comuns e ao mesmo tempo inovadores em nossas salas de aula. Vejamos em relação a leitura e escrita dos alunos e sua relação com uma proposta de educação ambiental.

A ESCRITA E AS POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Nos currículos praticados(Oliveira, 2003) e nas práticas pedagógicas também podem estar surgindo alternativas que passam a presidir ações que podem estar reforçando práticas mais emancipatórias. Portanto, práticas éticas.

Afinal, a ética exige o poder deliberativo e um sujeito autônomo tendo consideração pelos outros. Mesmo assim, *o feito e o a ser feito* (Castoriadis, 1999) nas escolas também possibilita maneiras diferenciadas de dialogo com o novo que passam culturas enraizadas e criam culturas que vão se iniciando a partir da invasão do celular nas escolas.

Uma dessas culturas é a da escrita. Hoje temos uma diversidade de formas de escrever. Todas elas comunicam e deixa o registro de sentimentos, idéias e conhecimento.

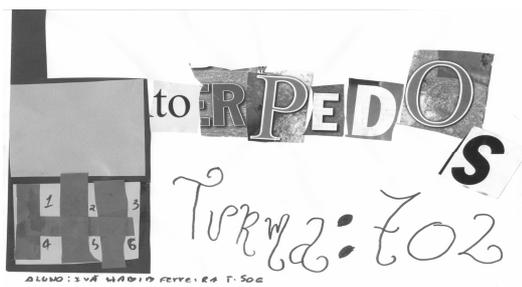


Imagem 06

Capa de um livro de “Torpedos” com mensagens relacionadas com menor consumo de energia confeccionado por alunos de uma escola pública.

Com a imagem 06 podemos ilustrar o quanto pode também estar buscando *um conhecimento prudente* com o uso dessas novas mídias que invadem o cotidiano escolar. Dessa maneira, muitos estudos assumem o praticante do cotidiano em seu contato com o celular como sujeito dos modos de ensinar e aprender a educação ambiental, entendendo que tanto os que possuem celular como os que não possuem esse aparelhos estão sujeitos à comunicação da preocupação centrada nas apropriações e negociações que se verificam com o uso dessas novas mídias. *Permitindo compreender a criação de conhecimento para além dos simples processos de reprodução e transmissão* (Alves, 2004: 224) do que se estabelece como inclusão ou exclusão social que se dá a partir desses aparelhos que estão compondo a cultura escolar nesse século.

Assim, na chamada era da informação do conhecimento, garantir o acesso, o uso ético da população às novas linguagens culturais que vão invadindo a escola e se tornam ferramentas essenciais ao desenvolvimento humano dos chamados “incluídos digitais”, encontra-se ainda como desafio no cotidiano da sala de aula das escolas. Principalmente quando nos referimos aos percentuais de acesso digital. No entanto, não podemos ignorar como esses aparelhos celulares estão chegando no cotidiano escolar com uma rapidez tamanha.

Buscando uma nova epistemologia da visão e da ação que transforme o nosso olhar fixo e opaco para o novo que saltita aos nossos olhos, parece precisar que olhemos para nossos pés. Com o desequilíbrio encontraremos caminhos.

Um deles foi à elaboração de torpedos com mensagens de menor consumo de energia. Além do sujeito ou pessoa que possui ou não o celular experimentar a diversidade da escrita, cada um dos alunos também pode experimentar e estar envolvido com possibilidades de tornar o mundo mais belo.

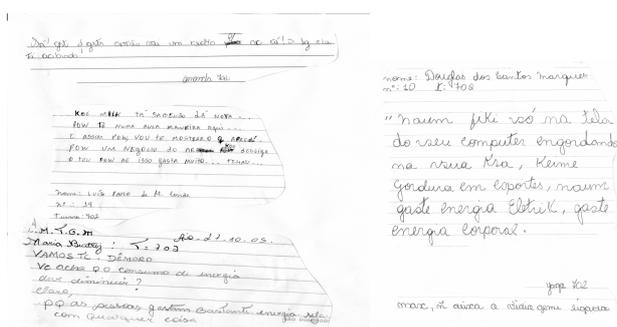


Imagem 07

Torpedos escritos por alunos de uma turma de sétima série de uma escola pública.

Entre tantas discussões sobre as respostas que devemos dar, como educadores, às transformações culturais e sociais as tantas informações e conhecimentos de mundo trazidos por nossos alunos nos perguntamos: ainda faz sentido falar de ética nas escolas? A resposta a essa pergunta é sim.

Sem limites éticos na escola, o seu fazer pode ficar esquecido e postergado colocando como prioridade a ambição individualista, o desejo de poder, a busca desenfreada pelos bens materiais ou mesmo pela própria tecnologia. E com isso a visão humanística, o pensamento pluralista, a participação criativa ficam relegadas a planos que não facilitam a busca da tão sonhada solidariedade.

É nessa perspectiva que falar de ética ainda faz sentido como um subsídio a mais para o cumprimento diário e concreto da missão e compromisso da educação. Assim, o

uso do conhecimento não estará a serviço de poucos em detrimento dos muitos que se encontram a margem do que se produz com o conhecimento.

Afinal, se o celular a cada “TIM” deseja um “OI” o que é “CLARO” exige de seu usuário uma resposta de que está “VIVO”, não podemos deixar de entender que ele pode ser um bom instrumento de/para a discussão dos *usos e fabricações* éticas no/do cotidiano das escolas. Desse modo, parece que o provérbio popular colocado no início desse texto é um bom argumento para dialogarmos com as novas mídias que estão invadindo o cotidiano das salas de aula.

CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Podemos, assim, falar sobre o celular na sala de aula como uma nova mídia a partir de vários pontos e possibilidades na prática educativa: como objeto de consumo que tanto pode estar incluindo ou excluindo os sujeitos das/nas escolas; de inserção no processo de comunicação mesmo daqueles que não possuem os aparelhos de telefonia celular; de linguagens diferentes daquela que a cultura escolar prioriza; como possibilidade de estudo de questões ambientais e/ou como possibilidade de criar uma rede com referenciais teórico-metodológico que possibilite uma vida mais bela para todos.

Finalmente, se na vida cotidiana percebemos as peculiaridades de cada grupo, nós podemos contemplar, também, quais são as práticas pedagógicas que podem questionar a lógica das culturas ainda pensadas de forma hegemônica e/ou naturalizadas como “modelos” sem aproveitar as novas/velhas situações as quais somos submetidos diariamente nas escolas. Desse modo, devemos ficar atentos ao que vai “invadindo” nossas salas de aula de forma tão imprevisíveis buscando maneiras de fazer (Certeau, 2000) nossas práticas pedagógicas para ações de significados que tornem mais fácil a existência humana sem perder a beleza que a envolve.

As novas tecnologia da comunicação e da informação parecem determinar maneiras de ler, de ver e de agir que também estão influenciando diariamente a formação identitária dos sujeitos da escola no mundo atual, principalmente nos centros urbanos. Nesse sentido, as bases de identificação da/na sociedade contemporânea para os mais jovens necessita resgatar as noções éticas e pensar a constituição de identidades sociais nas diferentes possibilidades de acesso aos bens de consumo. Além disso, a

necessidade de se estabelecer um diálogo das práticas pedagógicas com as novas formas de ser e estar no mundo é impossível de ignorarmos. Assim, acredita-se que o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, no cotidiano escolar, podem e devem contribuir para a formação de professores e alunos leitores críticos da mídia e, principalmente, de discutirmos ética-conhecimento e inclusão digital em todos os *espaçotempos* do cotidiano escolar.

É preciso, portanto, discutir e fazer uso, no espaço escolar, não só dos computadores, aparelhos de TV e rádio, mas também dos aparelhos celulares nos seus diversos suportes, os jogos eletrônicos, a internet e tudo mais que permeia o cotidiano e influencia as identidades contemporâneas. Essa discussão nos aponta ainda para a necessidade de trocas e discussões das práticas pedagógicas dos professores no contexto sócio-cultural no qual se insere o diálogo entre escola e a mídia. Afinal, é pela “pluralidade de escrita que passa, hoje a construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como noticiários de televisão, videogames, videoclipes e hipertextos”(Barbeiro,2002:62)

No entanto, esse é apenas um começo de conversa a partir das possibilidades que o diálogo com essas novas mídias pode nos oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. *Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa & ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.13-38

_____. *Imagens de Tecnologias nos Cotidianos das Escolas, Discutindo a Relação “localuniversal”*. In: ROMANOWSKI, Joana Paulim, MARTINS, Pura Lúcia Oliver e JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo(Orgs.). *Conhecimento Local e Conhecimento Universal: Diversidade, Mídias e Tecnologias na Educação*. V.2 Curitiba: Champagnat,2004 pp. 215-227.

BAKTHIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévsk*. Rio de Janeiro: Ed. Forense – Universitári,1991

BURKER, Peter. *Testemunho Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa &

ALVES, Nilda (Orgs). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 91-107.

CASTORIADIS, Cornelius. *Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V*. Rio de Janeiro DP&A, 1999.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MARTIN-BARBERO, Jesus& REY, Ghernán. *Os exercícios do ver*. SENAC, São Paulo,2001

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Política*. Minas Gerais: UFMG. 1998.

MORIN, Edgard. *A religação dos saberes. Os desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand,2001.

OLIVEIRA, Inês Barbosa e SGARBI, Paulo (orgs) *Fora da Escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, táticas e trajetórias na pesquisa em educação*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa e ALVES, Nilda(Orgs) *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

_____. *Currículos Praticados: entre a regulação e a emancipação*.2003

PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

QUINO. Mafalda.n 10. São Paulo: Martins Fontes .2002

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001

_____. *A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. *Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna*. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L (Orgs.). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 09-52.

<http://www.meninomalquinho.com.br/PaginaTirinha/>

